Rafael e o Coleccionismo

Rafael integra, com Leonardo e Miguel Ângelo, a tríade sagrada do Alto Renascimento, que sempre foi alvo de desmedida admiração, ao longo dos séculos. Pode dizer-se que, ao longo deste meio milénio, nunca a sua fama empalideceu. Disso dá conta uma constante fortuna crítica favorável, bem como o alto valor que aos seus quadros sempre foi atribuído.

Nesta apreciação do fenómeno do colecionar das suas obras, considerarei 4 períodos, para efeitos de análise – 1) As colecções italianas; 2) As grandes colecções históricas europeias; 3) Os museus europeus nos séculos XIX e XX; 4) Os museus americanos no século XX. Por fim, farei uma curta referência ao século XXI.

Os quadros de Rafael, em número relativamente reduzido, já que a sua vida foi curta, encontram-se na sua esmagadora maioria em museus da Europa, Estados Unidos e Brasil.

Neste texto, sem buscar ser exaustivo, referirei o modo como deram entrada nesses museus, enquanto tradução do gosto e do colecionismo, no âmbito dos períodos que identifiquei.

1. As colecções italianas

As obras do jovem mestre de Urbino foram valorizadíssimas e disputadas desde o próprio tempo em que foram criadas. Na primeira linha dos seus colecionadores, estão naturalmente os seus encomendantes principescos, os Médicis e os Della Rovere, o que explica que se encontre hoje em Florença (na Galleria degli Uffizi e no Palazzo Pitti) o maior número dos seus quadros existente em qualquer museu do mundo. Data ainda da vida do artista (1519) a chegada a Florença do retrato de Leão X com seus sobrinhos. Ainda na 1ª metade de Quinhentos, integra a colecção a *Madonna della Sedia*. Cosme I comprará a *Madonna dell’Impannata* e em 1589 entrará nas colecções mediceias a *Visão de Ezequiel*. O casamento de Vittoria della Rovere com o Grão Duque Fernando II de Toscana (1633) trouxe para Florença a espectacular colecção de arte formada por sucessivos Duques de Urbino. Nesta herança familiar, merece destaque o retrato do Papa Júlio II, obreiro da fortuna dos Della Rovere e protector de Rafael. Ao longo do Seicento, a colecção foi enriquecida com outros quadros seus, como a *Donna Velata* (1619), a *Madona do Pintassilgo* (1666), ou a *Madona do Baldaquino* (1697). O Cardeal Leopoldo de Médicis foi, neste período, o mais activo colecionador de obras do artista. A ele se deve a aquisição do famoso *Auto Retrato*, bem como uma das versões do retrato de *Fedra Inghirami*.

A mudança de dinastia, em meados do século XVIII, não interrompeu o enriquecimento da colecção. Fernando III de Áustria-Toscana adquiriu em 1799 a *Madona do Grão Duque* (nome que espelha, justamente, a sua paixão por um quadro de que nunca se separava). O seu filho Leopoldo II adquiriu os retratos de *Angelo e Maddalena Doni* em 1826.

Em Roma, ao longo do *Seicento*, algumas prestigiosas dinastias aristocráticas vão adquirir obras do mestre. O Cardeal Scipione Borghese, sobrinho do Papa Paulo V e colecionador voraz, apoderou-se em 1608 da *Deposição*, arrancada sob pressão a uma igreja de Perugia, para a qual Atalanta Baglioni a encomendara. Em 1642, o retrato da amante do artista, a *Fornarina*, chega às mãos dos Barberini (família do Papa Urbano VIII), depois de ter passado pelos Santafiora e os Buoncompagni. Está ainda hoje no palácio familiar, transformado em Galleria Nazionale d’Arte Antica. No final do século, a herança de Olimpia Aldobrandini trará a *Dama do Unicórnio* à posse dos Borghese.

A partir de 1815, após o ciclone napoleónico, irão confluir na nova Pinacoteca Vaticana numerosos quadros saqueados pelos franceses em igrejas, conventos e palácios do Lácio e da Úmbria. Entre eles, contam-se preciosidades como o *Retábulo Oddi* e a *Ressurreição*, provenientes de Perugia, a *Transfiguração* (da igreja romana de S. Pietro in Montorio) e a *Madonna de Foligno*. Juntamente com os icónicos frescos das *Stanze*, fazem do Vaticano o lugar por excelência para apreciar a pintura do mestre.

Em 4 outras cidades italianas, a musealização de Rafael corresponde ao século XIX. As restituições pós-napoleónicas motivaram a entrada na Pinacoteca Nacional de Bolonha da *Santa Cecília*, proveniente da igreja de San Giovanni in Monte. Do mesmo modo, o *Sposalizio*, outrora em San Francesco de Città di Castello, integrou a nóvel Pinacoteca di Brera, em Milão, após ter estado na posse de Eugénio de Beauharnais, enteado de Napoleão. Poucos anos depois, a acção mecenática de dois aristocratas lombardos fizeram entrar o *Cristo Benedicente* na Pinacoteca Tosio Martinengo de Bréscia (1832) e o *S. Sebastião* na Accademia Carrara de Bérgamo (legado Lochis, 1836).

1. As grandes colecções históricas europeias

A partir do século XVI, ganham grande realce as grandes colecções de pintura constituídas pelos reis de França e de Espanha, que servirão de modelo e estímulo para a formação de análogos conjuntos dinásticos na Europa ocidental,

No que a Rafael diz respeito, a primazia vai para Francisco I de França, que recebeu de presente do Papa Leão X, ainda em vida do seu autor, a *Grande Sagrada Família* e o *S. Miguel esmagando o Demónio.*  Esta escolha diplomática revela bem o altíssimo grau de valorização da obra do artista. Do Cardeal Bibbiena, o monarca francês recebeu a *Isabel de Requesens* (por largo tempo identificada com Joana de Aragão). Foi ainda responsável por adquirir para a colecção real a *Bela Jardineira*, bem como o *Auto Retrato com Giulio Romano.* A irmã do rei, Margarida de Angoulême, recebera, por sua vez, como prenda, a *Santa Margarida*. Todos estes quadros estão hoje no Louvre, que pode gabar-se de exibir 13 obras do artista. A paixão por Rafael continuou nos séculos seguintes. O Cardeal Mazarino teve na sua posse o *S. Jorge* e o *S. Miguel*, bem como o celebrado retrato de *Baldassare Castiglione*. Este pertencera aos Duques de Mântua e pudera ser admirado por Rembrandt em Amsterdão, o que atesta do alto prestígio do seu autor, atravessando o tempo e o espaço. À sua morte, Mazarino legou a sua enorme colecção ao seu real pupilo e afilhado, Luís XIV, que, anos depois (1666), adquiriria ao Conde de Brienne a *Pequena Sagrada Família*. Por fim, em 1743, Luís XV comprou a *Madona do Diadema Azul.*

A colecção de pintura da coroa espanhola está na origem dos 8 quadros do artista de que hoje o Prado se orgulha. Curiosamente, o seu núcleo mais forte foi constituído no século XVII, com cem anos de atraso em relação à sua congénere e rival francesa. De facto, quer Carlos V, quer Filipe II privilegiaram outras escolhas, mais identificados com os valores estéticos venezianos. Será Filipe IV o responsável pela aquisição de tesouros, como a *Madona do Peixe*, (1638, da colecção do Duque de Medina de las Torres, formada em Nápoles), a *Madona da Pérola* (que pertencera aos Gonzaga e a Carlos I de Inglaterra, adquirida em Londres após a morte deste e consequente dispersão dos seus quadros), a *Visitação* e a *Madona da Rosa* (documentadas no Escorial em 1655 e 1657, respectivamente). No final do reinado, após laboriosas negociações, chegará, de Palermo, o *Spasimo di Sicilia*. O século seguinte acrescentará a *Madona do Cordeiro* e o retrato de *Cardeal*, adquirido, este, por Carlos IV.

Das restantes colecções régias, há a destacar, no que ao século XVII diz respeito, a dos Habsburgos de Viena, que tiveram na sua posse, desde 1663, a *Madona do Belvedere*, hoje no Kunsthistorisches Museum da capital austríaca.

Em 1754, fora comprada para a colecção real saxónica, em Dresde, a *Madona Sistina*, obra emblemática, cuja fama atravessou os séculos.

Catarina II da Rússia, fundadora do Hermitage, teve na sua posse a Sagrada Família, da parisiense colecção Crozat. Já no século XIX, o grande museu de S. Petersburgo receberia o seu segundo Rafael, a *Madona Conestabile*, por legado da czarina Maria Alexandrovna (1871).

Nos três séculos após a sua morte, a procura de obras de Rafael nunca diminuiu, incidindo, quer sobre os temas religiosos, quer sobre os retratos. As suas Madonas sempre estiveram entre os quadros mais procurados, num processo que se irá intensificar na primeira metade do século XIX, período em que nasceram e cresceram muitos dos principais museus europeus. Munique, Berlim e Londres estiveram no cerne dessa disputa em torno das obras deste pintor, considerado o corifeu do classicismo.

1. Os museus europeus nos séculos XIX e XX

O número reduzido de quadros de cavalete produzido por Rafael no decurso de uma carreira relativamente breve levou, no decurso do século XIX, a uma disputa aguerrida, levada a cabo principalmente em Itália, pelos últimos exemplares remanescentes ainda em posse privada. Com efeito, os novos museus nacionais surgidos no período liberal buscaram afirmar-se através da posse de obras altamente colocadas no cânone ocidental do gosto. Nesse panteão, Rafael ocupava (e ocupa ainda) um dos primeiros lugares. Essa competição, nomeadamente entre alemães e britânicos, incidiu sobretudo nas Madonas, que, aos olhos de um gosto predominantemente romântico, corporizavam o ponto mais alto da produção rafaelita.

Na primeira linha dos colecionadores oitocentistas de Rafael, encontramos o rei Luís I da Baviera. Apaixonado pela Itália, fascinado pelo ideal clássico que o Urbinate personificava, adquiriu duas das três obras de que se pode orgulhar a Alte Pinakothek de Munique, que fundou. São elas a *Madonna della Tenda* e a *Madonna Tempi*, de popularidade imensa. O museu, criado a partir da colecção real bávara, possui ainda uma terceira, a Madonna Canigiani, procedente da herança dos Eleitores Palatinos. Em Munique, tinham confluído as colecções dos diferentes ramos da família Wittelsbach, de Düsseldorf, Mannheim e Zweibrücken.

Não é por acaso que predominam as Madonas nos museus alemães fundados no século XIX. Elas representavam, no olhar romântico, o ponto mais alto e mais puro da beleza idealizada da arte renascentista.

A Galeria de Pintura dos Staatliche Museen de Berlim teve a sua origem na colecção real da Prússia e constituíu-se, no século XIX, como um exemplo a nível europeu, pela excelência do seu espólio e pelo rigor científico. Uma política expansionista de aquisições, por toda a Europa e com especial incidência em Itália, traduziu-se, bem ao gosto de então, na posse de 5 Madonas de Rafael – a *Madonna Solly* (1821), a *Madonna* *Colonna* (1827), a *Madonna com S. Jerónimo e S. Francisco*, adquirida aos Borghese em 1829, a *Madonna Diotallevi*, chegada de Rimini em 1842 e a *Madonna Terranuova* (1854).

Na primeira linha dos museus europeus, desde a sua fundação, em 1824, a National Gallery conseguiu reunir um acervo de excelência, a partir da riqueza dos bens artísticos da aristocracia britânica, consolidada por períodos muito activos de aquisições em Itália.

O seu núcleo inicial incluía o *Júlio II*, a que se seguiu, em 1839, a *Santa Catarina*, que pertencera aos Aldobrandini, aos Borghese e a William Beckford, o *Sonho do Cavaleiro* (1847), a *Madonna Garvagh* (1865), a *Madonna Ansidei* (1885, de proveniência Marlborough), a *Subida ao Calvário* (1913) e a *Crucifixão Mond* (1924). Este espectacular conjunto será completado, como veremos, já no século XXI.

Outros museus europeus testemunham a predilecção do colecionismo oitocentista por Rafael. Assim, o Szepmuveszeti Muzeum de Budapeste exibe o *Retrato de Homem* e a *Madonna Esterhazy*, ambos provenientes desta aristocrática família (1870).

Grande colecionador, o Duque de Aumale possuíu as *3 Graças* e a *Madonna de Orléans*, compradas respectivamente em 1885 e 1869. Com toda a sua colecção, fazem parte do Musée Condé, em Chantilly.

A colecção Ellesmere, formada na esteira da dispersão da fabulosa colecção do Duque de Orléans, por ocasião da Revolução Francesa, incluía três obras de Rafael – as *Madonas do Palmar, do Passeio e Bridgewater.* Herdada pelos Duques de Sutherland, está, desde 1946, exposta na National Gallery of Scotland (Edimburgo).em empréstimo de longa duração.

Em 1890, Wilhelm von Bode, mítico historiador de arte e director de museu, adquiriu para Estrasburgo, o *Retrato Feminino*, de disputada atribuição e permanente fascínio.

O único quadro de Rafael existente em Portugal, o *Milagre de S. Eusébio*, do desmembrado retábulo de Città di Castello, pertenceu a Jorge Husson da Câmara e ao Rei D. Fernando II, integrando, desde a origem, o Museu Nacional de Arte Antiga de Lisboa.

1. Os museus americanos no século XX

Os grandes museus norte americanos fundados a partir de 1870 (Boston e New York) são herdeiros, de alguma forma, do grande colecionismo europeu, imitado pela rica burguesia dos EUA. Desde as suas primeiras décadas de existência, alimentaram-se da dispersão dos tesouros artísticos da velha Europa.

O primeiro quadro de Rafael a cruzar o Atlântico de forma permanente foi a *Madona dos* *Candelabros*, em 1892. Outrora pertença dos Borghese, integra desde 1901 o Museu que Henry Walters fundou, com o seu nome, na cidade de Baltimore.

Mais acima na Costa Leste, Isabella Stewart Gardner formou, com a ajuda do seu protegido Bernard Berenson, uma pequena e preciosa colecção de arte, que inclui uma das versões do *Retrato de Fedra Inghirami*, comprado aos seus descendentes de Volterra, em 1898, bem como a Pietà Colonna, vendida por esta família principesca à milionária americana dois anos depois. Ambos podem ser hoje admirados em Fenway Court, o palácio neo-veneziano que mandou construir em Boston, para albergar o seu museu.

O maior museu do mundo, o Metropolitan Museum of Art, de New York, possui duas obras do mestre de Urbino – o grande *Retábulo Colonna* (comprado por John Pierpont Morgan e legado em 1916, após a sua morte) e o discutido retrato de *Julião de Médicis*, da colecção Jules Bache (1949).

A National Gallery of Art de Washington, fundada em 1941, é o último dos grandes museus de pintura do mundo. Alberga quatro obras de Rafael, de primeira grandeza. Três delas devem-se ao núcleo inicial da NGA, o legado do seu fundador Andrew Mellon. São elas o *S. Jorge*, outrora enviado por Guidobaldo de Montefeltro, senhor de Urbino, a Henrique VII de Inglaterra, como penhor de gratidão por ter sido investido na Ordem da Jarreteira. Passou depois aos condes de Pembroke, ao banqueiro Everhard Jabach, ao Cardeal Mazarino, para desembocar no Hermitage, que o vendeu discretamente ao banqueiro e político americano. Idêntica proveniência russa tem a *Madonna de Alba*, assim chamada por ter pertencido a essa família da mais alta nobreza espanhola, à qual a comprou o Czar Nicolau I, em 1836. É um dos quadros icónicos de Washington e uma das obras mais populares de Rafael. Andrew Mellon legou ainda uma das duas *Madonna Cowper*, assim chamadas a partir do aristocrata inglês a quem pertenceram, Lord Cowper de Panshanger. A outra integra também a NGA, por legado da família Widener.

Por fim, o museu guarda ainda um dos mais fascinantes retratos pintados pelo artista, o do jovem banqueiro *Bindo Altoviti*. Comprado em Florença por Luís I da Baviera, foi retirado da Alte Pinakothek e vendido na década de 1930, por se terem levantado dúvidas sobre a sua atribuição. O retrato foi objecto de uma troca, num processo marcado por alguma desonestidade de comerciantes e peritos, de que acabou por ser vítima o grande museu alemão. Desse acto estúpido contra o património artístico da Alemanha, veio a beneficiar o grande colecionador americano Samuel Kress, que o adquiriu em 1940 para a sua gigantesca colecção, provavelmente a maior, que se formou no século XX. A sua maior e melhor parte foi legada ao museu de Washington.

Três outros museus americanos adquiriram no século XX telas de Rafael. O Worcester Art Museum detém, desde 1940, a *Madonna Northbrook*, de autoria muito disputada e pintada certamente no âmbito da oficina do artista. Com o fito de esclarecer a contestada atribuição, este museu do Masachussets organizou uma exposição, centrada no quadro, em 2015. Nela se efectuou a comparação com a Pequena Madonna Cowper, inclinando-se os estudiosos para a atribuição a Domenico Alfani, a partir de um desenho do mestre.

Em 1947, o estado da Carolina do Norte dedicou uma verba muito substancial à criação de um museu de arte. Com o apoio subsequente de um vultuoso legado artístico da Fundação Kress (o segundo mais importante, a seguir ao da NGA), surgiu o North Carolina Museum of Art, em Raleigh. Entre os numerosos quadros comprados pelo estado, está um pequeno *Milagre de S. Jerónimo*, que pertencera no século XIX à prestigiosa colecção Cook, em Monserrate (Sintra).

Por fim, o Norton Simon Museum of Art, em Pasadena, exibe uma pequena Madona, comprada em 1972 pelo colecionador que lhe dá o nome.

Um último quadro de Rafael, a magnífica *Ressurreição de Cristo*, foi adquirido em 1958 para o recém criado Museu de Arte de São Paulo.

1. O século XXI

A passagem dos séculos, o apreço constante das sucessivas gerações e o número relativamente escasso das suas obras fazem com que toda a sua produção pictórica conhecida esteja hoje em museus, ao contrário do que se passa com os seus desenhos, que ainda surgem esporadicamente no mercado de arte.

O último importante quadro ainda em posse privada, a *Madona dos Cravos*, foi adquirida em 2004 ao Duque de Northumberland pela National Gallery de Londres, após subscrição popular.

O esforço maior de alguns museus consiste hoje em revalorizar e reapreciar as suas obras de âmbito rafaelesco. Para além da citada exposição do Worcester Art Museum, refiram-se ainda a que o Museo Thyssen organizou em 2005 em torno do seu *Retrato de Jovem*, que a maioria da crítica considera de Giulio Romano.

Várias questões de atribuição estiveram também no cerne da notável exposição levada a cabo no Prado em 2012, “El Último Rafael”.

No âmbito deste ano de quinto centenário, é de esperar que as exposições projectadas para Urbino (Galleria Nazionale delle Marche), Roma (Scuderie del Quirinale), Washington (National Gallery of Art), Londres (National Gallery), Viena (Albertina) e Berlim (Staatliche Museen) lancem mais luz sobre a obra de um pintor que nunca deixou de fascinar e nunca desceu do seu pedestal maior no âmbito da arte mundial.

Exaltado por escritores, artistas e historiadores de arte como Benedetto Varchi, Bellori, Horace Walpole, Goethe, Ingres, Hegel, Stendhal, Balzac, Baudelaire, Berenson, Wölfflin, Adolfo Venturi, Focillon e Longhi, Rafael sempre gozou de uma fortuna crítica pujante.

Como escreveu David Alan Brown em **Raphael in America** (1983), catálogo da exposição comemorativa dos 500 anos do nascimento do artista, na NGA, “ the only artist whose prestige had endured all changes of taste and fashion (…) His name was synonymous with Art.” (pg 39)

Não admira, pois, que a posse de um Rafael sempre tenha constituído o símbolo maior de triunfo para os grandes museus e coleccionadores europeus e norte americanos, na esteira de papas, monarcas e príncipes. Uns e outros viram nele um dos mestres maiores da Renascença, o principal criador do Classicismo em pintura, o definidor de um cânone inultrapassável de beleza, expresso, sobretudo, na doçura das suas Madonas.

Rafael é um dos poucos artistas que, de uma forma ou de outra, sempre foi amado.

José Alberto Gomes Machado

Universidade de Évora

*Referências bibliográficas*

-David Alan Brown, **Raphael in America**. National Gallery of Art, Washington, 1983.

- David Alan Brown e Jane Van Nimmen, **Raphael & the Beautiful Banker – the story of** **the Bindo Altoviti Portrait**. Yale University Press, New Haven e Londres, 2005.

-Enrico Castelnuovo, **Retrato e Sociedade na Arte Italiana**. Companhia das Letras, São Paulo, 2006.

- Rona Goffen, **Renaissance Rivals – Michelangelo, Leonardo, Raphael, Titian**. Yale University Press, New Haven e Londres, 2002.

- Tom Henry e Paul Joannides (ed), **El Último Rafael**. Museo del Prado, Madrid, 2012.

- Mauro Natale. **Rafael – Retrato de un joven**. Contextos de la Colección Permanente, Museo Thyssen, Madrid, 2005.

- Inge Reist (ed), **A Market for Merchant Princes – Collecting Italian Renaissance Paintings** **in America**. The Frick Collection Studies in the History of Art Collecting in America, Pennsylvania State University Press, University Park (Pa), 2015.

- Pierluigi De Vecchi, **Tout l’Oeuvre Peint de Raphael**. Flammarion, Paris, 1969.